

GIANRICO CAROFIGLIO

AS PERFEIÇÕES
PROVISÓRIAS

Tradução de Regina Valente

1

Tudo começou com um telefonema inócuo de um antigo colega de faculdade.

Sabino Fornelli é especialista em Direito Civil. Quando algum dos seus clientes tem um problema penal, telefona-me e passa-me o caso, desligando-se depois do assunto. Como muitos civilistas, pensa que os escritórios da área do Direito Penal são lugares mal-afamados e perigosos, e prefere manter-se à distância.

Numa tarde de março, enquanto eu estudava um recurso que teria de apresentar no dia seguinte no Supremo Tribunal, Sabino Fornelli ligou-me. Já não falávamos havia vários meses.

– Olá, Guerrieri, como estás?

– Bem, e tu?

– Como sempre. O meu filho foi para os Estados Unidos estudar durante três meses.

– Muito bem. Que ótima ideia, assim voltará com imensas experiências que lhe ficarão para a vida!

– Também eu estou a ter experiências únicas: desde que ele se foi embora, a minha mulher massacra-me com crises de ansiedade, e estou a dar em doido.

Trocámos ainda algumas frases de circunstância, mas depressa chegámos ao ponto em questão. Fornelli tinha dois clientes que

precisavam de falar comigo sobre um assunto bastante delicado e urgente. Baixou o tom de voz, quando disse *delicado e urgente*, de uma forma que me pareceu um pouco ridícula. O caso mais grave que até àquele momento Fornelli me havia passado fora uma dramática história de injúrias, pancada e violação de domicílio.

Em suma, considerados os precedentes, não me sentia particularmente inclinado a levar a sério a classificação de delicadeza e urgência dos casos que Sabino Fornelli me tencionava passar.

– Amanhã tenho de ir a Roma, Sabino, e não sei a que horas volto. Depois mete-se o fim de semana; por isso, podes mandá-los vir – dei uma olhadela rápida à agenda – na segunda-feira, para o fim da tarde, depois das oito. De que se trata?

Houve uma breve pausa.

– Depois das oito, está bem. Mas eu também vou, acompanhando-os aí e reunimo-nos todos. É melhor, por uma série de razões.

Foi a minha vez de fazer uma breve pausa. Era a primeira vez que Fornelli acompanhava um cliente seu ao meu escritório. Estive quase a perguntar-lhe qual o assunto e por que motivo não podia adiantar-me nada pelo telefone, mas alguma coisa me impediu. Acabei, pois, por concordar, que sim, que nos encontraríamos ali na segunda-feira às oito e meia, e desliguei.

Fiquei alguns minutos a refletir no que se poderia tratar. E, como não me ocorreu nada, acabei por regressar ao meu recurso para o Supremo Tribunal.

2

Gosto das sessões no Supremo¹. Os juízes estão quase sempre preparados, é raro algum adormecer durante a audiência, os presidentes, com as devidas exceções, são normalmente bastante afáveis, mesmo quando nos pedem para falarmos pouco e não os fazermos perder demasiado tempo.

Ao contrário do que acontece nos outros tribunais, sobretudo nos Tribunais de Apelação, no Supremo tem-se a sensação de um mundo ordenado e de uma justiça que funciona. É apenas uma sensação, porque o mundo *não* é ordenado e a justiça *não* funciona. Mas não deixa de ser uma bela sensação. Por estas razões, costumo estar de bom humor quando tenho algum processo no Supremo Tribunal, mesmo tendo de me levantar de manhã cedo.

Estava um dia bonito, frio e luminoso. O avião, ao contrário do que havia previsto, partiu e chegou a horas.

No trajeto de táxi entre o aeroporto e o Supremo Tribunal vivi uma experiência única. O carro tinha acabado de arrancar quando reparei numa pilha de livros de bolso no banco da frente, ao lado do condutor. Quando vejo livros numa casa, a minha curiosidade fica

¹ No sistema judicial italiano, ao contrário do português, existem sessões de julgamento no Supremo Tribunal de Justiça. (*N. da T.*)

logo espicaçada, pelo que é possível imaginar o meu espanto quando os vi num táxi, o sítio mais inesperado. Espreitei as lombadas. Havia alguns policiais de fraca qualidade, mas também *Feux rouges* de Simenon, *Una questione privata*, de Fenoglio, e até uma coletânea de poemas de García Lorca.

– Porque tem aí esses livros?

– Leio-os, entre uma viagem e outra.

Certo. Resposta seca a uma pergunta idiota. Que é que se faz com os livros? Leem-se.

– Sabe, perguntei-lhe porque não é assim muito... frequente encontrar livros, tantos livros, num táxi.

– Mas olhe que não é verdade. Muitos colegas meus gostam de ler.

Falava quase sem sotaque, e parecia escolher cautelosamente as palavras, como se fossem objetos delicados e até um pouco perigosos. Lâminas.

– Ah, claro, imagino. Mas o senhor tem mesmo uma espécie de biblioteca.

– É porque gosto de ler vários livros ao mesmo tempo. Dependendo do meu estado de espírito. Por isso tenho muitos. Além disso, quando termino um, deixo-o no táxi e vai-se formando um pequeno monte.

– Eu também gosto de ler vários livros ao mesmo tempo. Que é que está a ler agora?

– Um romance do Simenon. Estou a gostar, até porque uma parte da história se passa num carro. Talvez por isso o entenda melhor. E também os poemas do García Lorca. Gosto muito de poesia, apesar de exigir mais atenção. Depois, quando estou cansado, leio aquele outro. – Indicou um dos policiais mais comerciais. Não disse o nome do autor, nem o título, o que achei justo. Pareceu-me haver toda uma estética, precisa, cortante e conclusiva, na forma como falara das leituras em curso e da hierarquia implícita. A coisa agradou-me. Tentei ver o rosto do homem, entre o perfil e a imagem refletida no retrovisor. Devia ter cerca de trinta e cinco anos, era pálido e pairava-lhe nos olhos uma sombra de timidez.

– De onde lhe vem esta paixão pela leitura?

– Se lhe contar a história, nem vai acreditar.

– Conte-me.

– Até aos vinte e oito anos, nunca tinha tido um livro na mão, excetuando os da escola. E tinha um grande defeito: gaguejava. Gaguejava muitíssimo. É uma coisa que pode arruinar a vida de uma pessoa, sabia?

Assenti, só então me dando conta de que ele não me podia ver, pelo menos não muito bem.

– Sim, calculo que sim. Mas o senhor articula muito bem as palavras – disse, enquanto voltava a pensar na forma cautelosa e na circunspeção com que as manejava.

– A certa altura não aguentei mais, fui a uma consulta de logoterapia e fiz um tratamento para me curar da gaguez. Durante as sessões, mandavam-nos ler livros em voz alta.

– E foi assim que começou?

– Sim. Descobri os livros. Depois a terapia terminou e continuei a ler. Dizem que na vida nada acontece por acaso. Talvez fosse gago porque precisava de descobrir os livros. Não sei. A verdade é que a minha vida mudou completamente desde então. Nem sequer me consigo lembrar de como era antes disso.

– Realmente, é uma bela história. Gostava de que me acontecesse alguma coisa do género.

– Em que sentido? Não gosta de ler?

– Não, não é isso, gosto imenso. Talvez seja a coisa de que mais gosto. Queria dizer que gostava de ter uma mudança extraordinária, como aquela que se passou consigo.

– Ah, estou a perceber – disse. Permanecemos depois em silêncio, enquanto o táxi percorria com fluidez o corredor exclusivo para transportes públicos da Via Ostiense.

Chegámos à Piazza Cavour sem encontrar um único engarrafamento. O meu amigo taxista leitor parou, desligou o carro e voltou-se para mim. Pensei que me fosse dizer quanto lhe devia e levei a mão à carteira.

– Há uma frase do Paul Valéry...

– Sim?

– Diz mais ou menos isto: a melhor forma de vermos os nossos sonhos realizarem-se é acordando.

Ficámos uns instantes a olhar um para o outro. Algo mais complexo do que timidez pairava no olhar daquele homem. Como que uma habituação ao medo, uma disciplina para o dominar, sabendo que estava, e sempre ali estaria, à espreita. No meu olhar creio que havia espanto. Perguntei-me se alguma vez teria lido alguma coisa do Valéry. Não sabia ao certo.

– Pensei que esta frase o pudesse inspirar, por causa do que me disse antes. Sobre a mudança. Não sei se aos outros acontece o mesmo, mas tenho vontade de partilhar aquilo que leio. Quando repito uma frase que li, um conceito, ou um poema, sinto-me um pouco autor. Gosto muito.

Disse as últimas palavras num tom quase de desculpa. Como se subitamente se tivesse dado conta de que poderia parecer invasivo. Por isso, apressei-me a responder:

– Obrigado. A mim também me acontece, desde miúdo. Mas nunca fui capaz de o dizer tão bem.

Antes de sair do táxi, estendi-lhe a mão e, enquanto me afastava para desempenhar a minha função de advogado, pensei que preferiria de longe ficar ali a falar de livros e de outras coisas.

Estava pelo menos uma hora adiantado. Conhecia perfeitamente o processo, não havia qualquer necessidade de rever os papéis, pelo que decidi dar um passeio. Atravessei o Tibre, passando pela ponte Cavour. A água, de uma tonalidade amarelo-esverdeada, lançava reflexos cintilantes de mercúrio e espelhava alegria. Havia pouca gente por ali, e ouviam-se ruídos abafados de carros e vozes indistintas em pano de fundo. Tive a sensação, intensa e deliciosamente insensata, de que essa paz grandiosa fora ali disposta para meu uso pessoal. Alguém disse que os momentos de felicidade nos apanham desprevenidos e por vezes – muitas – nem sequer damos conta deles. Só descobrimos que fomos felizes mais tarde, o que é uma coisa bastante estúpida. Enquanto caminhava em direção ao Ara Pacis, voltou-me à ideia uma recordação antiga.

Estava a preparar-me para os exames finais de licenciatura com dois amigos. Aliás, tínhamo-nos tornado amigos precisamente porque estudávamos juntos, porque escrevemos a tese na mesma altura

e porque nos formámos na mesma área. Por vezes, esse tipo de coisas une as pessoas, pelo menos durante um certo tempo. Na verdade, éramos muito diferentes, com quase nada em comum. A começar pelos projetos para o futuro. Eles tinham-nos, e eu não. Eles haviam-se matriculado em Direito porque queriam ser advogados a todo o custo. Eu matriculara-me porque não sabia o que queria fazer.

A determinação deles confundia-me. Por um lado, via-a com sobrançeria. Parecia-me que as metas que haviam estabelecido eram limitadas e os seus sonhos, medíocres. Por outro lado, invejava a nitidez dessas próprias metas e a visão clara que tinham do futuro. Era algo que não percebia bem, que me escapava, mas que parecia infundir tranquilidade. Um antídoto para a ansiedade subtil que acompanhava a minha visão desfocada do mundo.

Logo a seguir à licenciatura, sem sequer fazerem uma pausa para umas merecidas férias, começaram a estudar afincadamente para a Ordem. Com igual afinco, eu comecei a engonhar. Estagiava num escritório de advogados na área do Direito Civil com um aproveitamento nulo, tecia fantasias sobre ingressar noutra curso numa universidade estrangeira, punha a hipótese de me matricular na Faculdade de Letras, pensava dedicar-me à escrita de um romance que iria mudar a minha vida e a dos seus numerosos leitores, e que, por sorte, me absteve de começar. Em suma, era um tipo concreto e com ideias claras.

Precisamente em virtude destas ideias claras, quando abriu o concurso para a Ordem, decidi inopinadamente apresentar um pedido de admissão. No momento em que o comuniquéi a Andrea e a Sergio, houve entre nós um estranho e leve embaraço. Perguntaram-me o que é que me tinha passado pela cabeça, já que, desde o dia da licenciatura, não pegara num livro. Respondi que iria estudar durante os três meses que faltavam para as provas escritas, que ia tentar. Talvez estudando para aquele concurso percebesse o que fazer da minha vida.

Experimentei realmente estudar, acalentando a secreta esperança de vir a ter um golpe de sorte, dar com um atalho, com uma solução mágica. O sonho dos meliantes.

Depois, numa manhã de fevereiro, a meio dos estúpidos anos oitenta, Andrea Colaianni, Sergio Carofiglio e Guido Guerrieri partiram a bordo do velho *Alfasud* do pai de Andrea. Para irem a Roma apresentar-se às provas escritas.

Daquela viagem recordo apenas alguns fotogramas – estações de serviço, café cigarro chichi, meia hora de chuva violenta e impressionante em plenos Apeninos –, mas tenho gravada na memória a sensação de leveza e ausência de responsabilidades. Estudara alguma coisa, mas não me havia entregado verdadeiramente, como os meus amigos. Não tinha nada a perder e, se não conseguisse, o que era altamente provável, ninguém poderia dizer que eu havia fracassado.

– Mas que é que tu vens aqui fazer, Guerrieri? – perguntou-me novamente Andrea, depois de ter baixado o volume do rádio. Vínhamos a ouvir uma cassette que tínhamos gravado expressamente para a viagem, com canções como *Have you ever seen the rain*, *I don't wanna talk about it*, *Love letters in the sand*, *Like a rolling stone*, *Time passes* e, quando Andrea me fez aquela pergunta, creio que Billy Joel estava a cantar *Piano Man*.

– Não faço ideia. Para tentar, para fazer alguma coisa, sei lá. A verdade é que, mesmo que me saia bem, jamais pensarei na advocacia como uma missão de vida. Não tenho o vosso fogo sagrado.

Era a típica frase que deixava Andrea nervoso, porque acertava na *mouche*.

– Mas que raio estás para aí a dizer? Porquê fogo sagrado? Que é que a missão tem a ver com isto? Quero ser advogado, a ideia atrai-me e acho que vou gostar («que gostaria», apressou-se a corrigir) e que poderia fazer alguma coisa de útil – disse Andrea.

– Também eu. Acho que a sociedade e o mundo se mudam de baixo. Acho que, quando se é advogado, e se desempenha bem esse papel, como é óbvio, se contribui para mudar o mundo. Para o limpar da corrupção, da criminalidade, da podridão – acrescentou Sergio.

As palavras dele são as de que me lembro melhor e, sempre que penso nelas, experimento sentimentos ambíguos, qualquer coisa entre a ternura e a consternação. Pela forma como aquelas aspirações ingénuas foram depois engolidas pelas brechas mortais da vida.

Preparava-me para responder, mas depois, confusamente, pensei que não tinha o direito de o fazer, porque estava ali como um intruso nos seus sonhos. Por isso, encolhi os ombros e aumentei novamente o volume do rádio, no preciso momento em que a voz de Billy Joel se esfumava e arrancava a guitarra dos Creedence Clearwater Revival: *Have you ever seen the rain*. Lá fora, o temporal tinha parado.

O concurso previa três provas escritas: Direito Civil, Penal e Administrativo, cuja ordem era sorteada à vez.

A primeira foi de Direito Administrativo, um assunto acerca do qual eu não sabia absolutamente nada, pelo que me retirei ao fim de três horas, assim enterrando as minhas insensatas e ocultas esperanças. A porta de correr que dava para o mundo dos adultos não estava destinada a abrir-se para mim naqueles dias, e fiquei na sala de espera, onde ainda iria ficar mais algum tempo.

Algumas vezes, ao longo destes anos que vieram e foram, perguntei a mim mesmo como teria sido a minha vida se, por um súbito desvio da sorte, tivesse passado naqueles exames.

Teria saído de Bari, ter-me-ia tornado outra pessoa e provavelmente jamais regressaria. Como aconteceu com Andrea Colaianni, que passou na Ordem e foi para longe como procurador do Ministério Público, tendo de rever os seus ideais sobre a possibilidade de mudar verdadeiramente o mundo sozinho.

Sergio Carofiglio não conseguiu. Queria, mais até do que Colaianni, se é que isso era possível, ser advogado, mas não foi capaz de passar nas provas escritas. Tentou mais uma vez, e depois outra, até esgotar as três possibilidades permitidas por lei. Já não nos dávamos quando soube que falhara a terceira e última prova, mas mesmo assim pensei no sentimento devastador de derrota e de falhanço que deveria ter experimentado. Mais tarde conheceu uma rapariga, filha de um industrial do Veneto, casou-se com ela e foi viver para um sítio qualquer perto de Rovigo, trabalhar com o sogro e afogar na neblina a sua amargura e os seus sonhos desfeitos. Pode ser que esta ideia não passe de mero fruto da minha imaginação e que afinal seja agora um homem feliz e rico, e que falhar a carreira de advogado tenha sido pura e simplesmente a sorte da sua vida.

Depois de ter abandonado a sala, fiquei em Roma. O quarto da pensão estava pago para três dias, ou seja, para todo o período das provas escritas. Assim, enquanto os meus amigos andavam às voltas com o Direito Penal e com o Direito Civil, tive, sem o esperar, as melhores férias romanas da minha vida. Como não tinha nada que fazer, passei muito, comprei livros a metade do preço, estendi-me nos bancos da Villa Borghese, li e também escrevi. Alguns poemas aterradores que, felizmente, se perderam. Na escadaria de Trinità dei Monti travei amizade com duas raparigas americanas com excesso de peso, com quem partilhei uma *pizza*, tendo, porém, declinado o convite para prosseguir o serão no apartamento delas, porque me pareceu descortinar um olhar cúmplice entre as duas e, calculando que deveriam pesar entre oitenta e noventa quilos cada uma, pensei que confiar é bom, mas não confiar, ainda melhor.

O mundo pululava de possibilidades infinitas naquele tépido e inesperado fevereiro em Roma, ao mesmo tempo que eu oscilava entre os *nunca mais* da minha adolescência e o *ainda não* da minha vida adulta. Tratava-se de uma faixa estreita, eufórica e provisória. Era bom estar ali, naquela faixa. E só aquilo que é provisório é perfeito.

Recordei tudo isso naquela hora que, por um qualquer estranho efeito alquímico, me pareceu suspensa e doce como os tempos de vinte anos antes. Tive a sensação insensata e exaltante de que o filme rebobinava e de que um novo início me aguardava. Foi um arrepio, uma vibração. Lindo.

Depois, apercebi-me de que já eram dez horas e, correndo o risco de chegar atrasado, regressei rapidamente à Piazza Cavour.